

# ABRINDO O DEBATE

## A revisão do Regulamento de Infantaria

(CONCLUSÃO)

Pelo Ten. Cel. T. A. ARARIPE

### IV — OS PROCESSOS DE EMPRÊGO

Nas considerações a respeito do armamento e da organização já tocámos nas regras de emprêgo da infantaria, no que êsse emprêgo tem de essencial.

Neste capitulo, nós limitaremos a frizar algumas características que interessam de perto às operações na America do Sul e especialmente à revisão do nosso R. E. C. I..

**Elementos essenciais do combate da Infantaria** — O Regulamento francês de 1928 considerava como **meios de ação da infantaria** o fogo e o movimento (ns. 14 e 134 — 2.<sup>a</sup> Parte). O seu substituto de 1938 dá o nome de **modos de ação** ao fogo e ao choque (n.º 5 da 2.<sup>a</sup> Parte). Além da modificação na terminologia, “meio” por “modo”, houve o afastamento do movimento, como resultado da velha querela sobre o predomínio do fogo e do movimento.

Ao nosso ver, não seria de mais dizer-se: a Infantaria atua pelo fogo, pelo movimento e pelo choque; ou, então, os **modos de atuação** da Infantaria residem no fogo, no movimento e no choque.

Se quisermos ainda exprimir uma noção mais completa, ampliaremos os termos do Cmt. Linarès, comentar do novo Regulamento e membro de sua comissão revisora, dizendo: — os **elementos essenciais do combate** da Infantaria são o homem, o fogo, o movimento, o choque, o terreno e a manobra. Assim, englobaremos na mesma rubrica os meios e os modos de ação e atendere-

mos a todos os fatores que condicionam os processos de atuação da Infantaria. Introduzindo aí, por nossa conta, o elemento homem, queremos valorizar a influência da capacidade física e das forças morais na luta.

E' aliás o espirito do regulamento de 1928, quando dá ao titulo IV o cabeçário — **Elementos do Combate da Infantaria** e nêle alinha as forças morais, o fogo, o movimento, o terreno, a manobra, etc..

Entre êsses elementos, tem-se procurado ressaltar a necessidade da manobra, assim como se restabeleceu o valor do choque.

Os progressos ininterruptos do armamento, em qualidade e quantidade, tornando a Infantaria mais pesada, provocaram nos ultimos anos a grita pelo "regresso à manobra", levantada em varias revistas estrangeiras e principalmente as francêsas. Reviveu-se, de algum modo, a antinomia entre o fogo e o movimento.

Não resta dúvida que a superioridade do fogo é uma realidade esmagadora. Ela deve ser procurada por todos os meios: melhor e maior armamento, maior quantidade de munição, processo de utilização aperfeiçoados, etc., porém é preciso ter no mesmo pé de igualdade os outros elementos. Isso é muito importante para nós que devemos saber empregar os procesos "de rico" mas que também devemos estar habituados a tirar todo o rendimento dos chamados "processos do pobre".

O **terreno** é uma arma poderosa na mão de tropa instruída. Multiplica-lhe a potencia do fogo na defensiva. Permite grande economia de meios no ataque, pelo aproveitamento inteligente da sua **compartimentação**. Combinado com os processos de manobra, é fator de sucesso.

E' interessante observar que o Regulamento francês de 1938 modificou a linguagem anterior para proclamar a maior importancia do terreno, do movimento, da manobra e do choque:

"A sábia utilização do terreno constitue a única base firme do emprêgo tático de todas as unidades de Infantaria".

“A Infantaria, na ofensiva, deve ter a constante preocupação de levar cada vez mais para a frente os seus meios de fogo, aproveitando os trechos do terreno onde seja possível o movimento.

Procura inicialmente todos os caminhamentos que escapam aos tiros do inimigo, todas as lacunas que existam em sua rêde de fogo e as utiliza para progredir por infiltração”.

“A manobra da Infantaria consiste em concentrar sobre uma porção da linha inimiga, graças à combinação do fogo e do movimento, os esforços de um certo numero de unidades.

“Uma das manobras mais usuais é a que os flancos ou mesmo a retaguarda do adversário, sem deixar contudo de manter a sua atenção e a maior parte de seus meios na frente”.

“Por maior que seja a sua violencia, o fogo não basta muitas vezes, para obrigar o inimigo a fugir ou capitular.

“A ação pelo choque é então o último meio capaz de impôr a vontade ao adversário, já abalado material e moralmente pelo fogo executado de distancias cada vez mais curtas.

“E’ pelo número e pela atitude dos assaltantes que uma unidade pôde dar impressão de força ao inimigo que ela vai abordar”.

Essas prescrições, que no texto francês são desdobradas minuciosamente, precisam aparecer aplicadas nos processos de combate de todas as unidades da Infantaria, do regimento ao grupo de combate.

### Escalão de ataque

No Regulamento francês de 1938 a **manobra por infiltração** é encarada quasi que exclusivamente nas fases preliminares (e finais) do combate, “durante as quais, para progredir a infantaria geralmente não pôde contar com sério apôio das outras armas e particularmente da artilharia”.

O Cmt. Linarès, comentando o Anexo sobre a Instrução dos Fuzileiros-Volteadores (Rev. d'Infanterie de Junho de 1939), diz, por sua vez: "A manobra da secção (Pel.), só pôde ser encarada verdadeiramente na aproximação, quando, dispondo de zona relativamente larga, esta unidade se choca contra uma resistencia. Essa manobra é baseada na infiltração e na execução de fogo de escarpa ou de flanco sôbre o adversário".

"Como a secção, a companhia só manobra verdadeiramente quando dispõe de zona suficiente de terreno; é o caso da tomada do contato".

E' bem verdade que em seu n.º 301, 2.<sup>a</sup> Parte, o mesmo Regulamento diz: "As secções do escalão de ataque, detidas por uma resistencia, esforçam-se por neutralizá-la pelo fogo, aferram-se ao terreno e empregam a ferramenta de sapa para adaptar as cobertas naturais ou criar abrigos individuais. Elas retomam o movimento, logo que seja possível.

"As que encontram um caminhamento não batido pelo fogo, continuam progredindo.

"E' procurando constantemente cumprir a propria missão e ganhar terreno, sem se prender umas às outras embora com as ligações bem garantidas, que as unidades vizinhas se auxiliam mutuamente".

Isso poderia parecer que o Regulamento restabelecia a alternancia do fogo e do movimento, que é o característico da manobra elementar da Infantaria. Porem, o Cmt. Linarès nos seus comentários esclarece:

"A progressão por meio da alternancia sistemática do fogo e do movimento, — não indicada explicitamente, é verdade, no art. IV, cap. I do titulo V do Regulamento de 1928, mas normalmente aplicada em alguns corpos de tropa — só deve ser tentada se outros processos não puderem ser empregados. Na maioria dos terrenos, êsse modo de progressão é além disso custoso e muito aleatorio, enquanto o dispositivo inimigo não estiver comprometido. E', ao contrário, penetrando profundamente na posição adversa que certas unidades do escalão de ataque ficarão em condições de executar, — por iniciativa propria — fogos de flanco e por conseguin-

te, de facilitar a progressão de outras unidades, a quem tenha tocado terreno menos favorável”.

Essas restrições do ponto de vista francês em relação à manobra do escalão de ataque podem provocar diminuição da impulsividade indispensável dêsse escalão. Aliás, já o dissemos, os Alemães fazem essa critica aos processos francêses.

Embora tenha modificado a organização do seu Pelotão, dando-lhe tres grupos semelhantes, como na Seção francesa, a Infantaria alemã mantém a doutrina de separação do fogo e do movimento. Esta se realiza desde o escalão grupo de combate (esquadra de metralhadora leve com quatro homens e esquadra de atiradores com oito homens, armados de fuzil). Em certos exercícos, o comandante do Pelotão parte ao assalto com as tres esquadras de atiradores, enquanto as metralhadoras leves continuam a atirar de suas posições; em outros, essas metralhadoras atiram em marcha e tomam parte na abordagem. Por isso, procura-se desenvolver a capacidade de julgamento e a iniciativa dos quadros mesmo subalternos e treinar os comandantes de Pelotão e de grupos a progredirem com os proprios recursos, combinando os proprios meios, manobrando por si mesmo, sempre que for possível a manobra.

No nosso caso particular, se quizermos ter uma Infantaria forte, ardorosa e capaz de atuar sem o auxilio das outras armas, devemos nos aproximar da flexibilidade preconizada pelos Alemães.

Creemos ser recomendavel até ampliar o espirito do nosso R. E. C. I. de 1932, a propósito da flexibilidade de manobra do Pelotão: “O Pelotão inicia o ataque a um só tempo, em conjunto, e aproveita o mais possível, por um movimento ininterrupto para a frente, o efeito de surpresa produzido pelo seu desembocar repentino, e os efeitos de neutralização dos orgãos de fogo que atiram em seu proveito (artilharia de apoio dirêto, base de fogos de Infantaria).

“No decorrer da progressão o dispositivo inicial deforma-se constantemente de acôrdo com as **necessidades de manobra e de ligação do fogo com o movimen-**

to. O comandante do Pelotão adianta-se ousadamente para o objetivo. **Coordena os lanços dos grupos** e mantém-nos na boa direção; procura descortinar um corredor ou uma zona do terreno mal batida pelo fogo inimigo, por onde possa prosseguir a infiltração grupo a grupo, **aproveitando com esse fim** os fogos de apôio e **o fogo dos grupos que não estejam em movimento** (R. E. C. I., 2., P. 417, 418 e Reglement de l'Infanterie — 1928 — 2.<sup>a</sup> Parte, 461).

Essa flexibilidade de manobra do Pelotão impõe-se sobretudo no chamado "**Combate dos ultimos 200 metros**", quando o escalão de ataque, devido às imposições das margens de segurança, perde o apoio imediato da base de fogos e da artilharia.

A esse respeito ha interessante estudo do General Fabre (Rev. d'Infanterie — Maio, 1937).

Nessa situação, **o escalão de ataque deve bastar-se a si mesmo**, porque as armas de apôio não mais podem atingir os objetivos da primeira linha.; por isso **os F. M. e os volteadores se devem alternar como elementos de fogo e elemento de movimento para apoiarem-se reciprocamente**.

Aí, nos ultimos 200 metros, avulta o valor dos morteiros, do lança granadas e tambem do tiro dos volteadores, enquanto o F. M. tem o seu emprêgo dificultado por se tornar mais vulneravel e de deslocamento mais difficil.

A progressão do grupo é aconselhada mediante a proteção reciproca do F. M., dos volteadores e do lança granadas. O mesmo acontece no Pelotão, pois o comandante dêste será obrigado a combinar a ação dos seus grupos e do grupamento de lança granadas para chegar até a resistência inimiga: grupos que progridem, grupos em posição apoiando os primeiros, apôio dos lança granadas.

Do mesmo modo não será util restringir a capacidade de manobra da companhia, tanto mais que lhe aumentamos as possibilidades, com o quarto Pelotão e o morteiro leve.

Manobra, infiltração, flexibilidade em todos os escalões de comando e em todas as situações, tais devem ser, ao nosso ver, os característicos dos processos da nossa infantaria.

O estudo pormenorizado do **assalto** e do **choque** nos conduz a conclusões interessantes.

É preciso convir que nessa fase, **os volteadores** constituem o **elemento capital**, pois, são, por seu individualismo, seu armamento e seu treinamento, os verdadeiros combatente do corpo a corpo, que correm sobre o adversário para abatê-lo com o tiro, a baioneta ou a granada. Por seu lado, a esquadra de F. M. é um conjunto heterogeneo e mal preparado para esse combate. Daí a idéia de constituir essa esquadra com 3 a 4 homens apenas, deixando os 7 a 8 homens restantes do grupo como volteadores.

Essa técnica do combate aproximado deve ser desenvolvida nos regulamentos e na instrução. Ela é muito complexa, estamos certos, porque de um lado é dominada por circunstancias imponderaveis e, por outro lado, a combinação dos elementos fundamentais do combate — fogo, movimento, terreno, manobra, choque e o homem — aí se realiza de forma mais intima, mais variada e mais delicada. Põe em evidencia a importancia do homem, do valor individual do combatente, quer servente do F. M., quer volteador, quer granadeiro.

No combate dos ultimos duzentos metros, o clima moral é o das grandes crises. O assaltante tem o sentimento do grande perigo que corre em presença do adversário abrigado. Para dominar essa impressão e avançar, é preciso que cada homem tenha um moral superior, solidamente enraizado nos reflexos profundos de sua educação militar, e que seja impregnado de coragem, de intelligência e de iniciativa.

O Regulamento francês de 1938, no seu anexo — Instrução dos fuzileiros-volteadores — põe em evidencia essas qualidades quando define o papel do soldado dentro do grupo de combate. Para bem salientar esse fato, emprestamos do Cmt. Linarès a comparação entre o texto de 1928 e o de 1938:

1928

N.º 195 — O grupo é a unidade elementar de instrução e de combate.

Compreende essencialmente uma arma automática a que se ligam os homens que a servem, a remuneram, a protegem eventualmente e exploram os resultados de seu fogo.

Consequencia :

Cada soldado tem o dever particular para com a arma automática do seu grupo e um papel bem delimitado; pode ser considerado como instruído quando sabe combater no grupo de combate; donde resulta que é preciso fazer com que, antes de tudo, adquira **reflexos**.

1938

N.º 163 — O grupo é a unidade elementar de instrução e de combate. De efetivo bastante reduzido para poder movimentar-se no campo de batalha sem excesso de dispersão, pode ser diretamente comandado na ação por um só chefe. Dotado de armamento poderoso porém leve, é particularmente apto a atuar pelo fogo e pelo movimento e a passar de atitude ofensiva a atitude defensiva.

Consequencia :

Cada soldado, e em particular, cada volteador, pôde, mantendo-se no quadro da unidade elementar, ter que combater em relativo isolamento; é considerado como instruído quando **pôde dispensar a presença imediata do seu chefe**; disso resulta que se torna preciso não sómente que adquira **reflexos** mas que **cultive e aplique a intelligencia e a iniciativa**.

E' preciso não perder de vista que o escalão de ataque deve bastar-se a si mesmo e saber realizar a ma-

# SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

---

A DEFESA NACIONAL tendo em vista facilitar a aquisição de livros, não só militares como a de qualquer outros, á venda nas livrarias do Rio de Janeiro, introduziu na sua biblioteca o serviço de **ENTREGAS DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO.**

Para isso os livros solicitados e em qualquer quantidade serão remetidos ao destinatario sendo a respectiva entrega feita mediante pagamento da importancia á agencia postal da localidade.

O porte, registro e as despesas relativas do SERVIÇO POSTAL DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO correrão por conta da Biblioteca sendo incluídos no preço do livro.

A toda encomenda acompanhará a respectiva fatura.

Para facilidade do serviço os pedidos devem ser feitos na ficha para esse fim destinada.

## P E D I D O

À Biblioteca de A Defesa Nacional

Caixa Postal 1602 - Rio de Janeiro



Em ..... / ..... / .....

*De*lo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO *queiram*  
*enviar-me os seguintes livros:*

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Nome .....

Unidade.....  
(ou rua)

Cidade.....

Estado .....

xima economia, aproveitando o **terreno** e jogando com todas as qualidades do **homem**, energia, inteligência e iniciativa no sentido da **manobra** mais proveitosa.

## EMPREGO DAS METRALHADORAS

Com os aperfeiçoamentos do F. M., os quais o emparelharam às metralhadoras nos tiros a distancias inferiores a 1.200 mts., tem-se procurado utilizar melhor as propriedades das metralhadoras. Para isso procura-se especialisá-las nos tiros de apôio ao escalão de ataque, nos tiros a grandes e mesmo muito grandes distancias, nos tiros anti-aéreos e anti-engenhos blindados.

A missão de apoio do escalão de ataque pôde ser cumprida:

- quer com o tiro por cima daquêle escalão, pelos intervalos e pelos flancos;
- quer pela colocação das metralhadoras no interior do próprio escalão de ataque.

O primeiro processo constitue o sistema denominado da **Centralisação das metralhadoras** — **Bases de fogo** e o segundo o da **Descentralisação**.

No primeiro, as metralhadoras são centralizadas nas mãos do Comandante do Batalhão para constituir com os morteiros as **bases de fogos sucessivos**. Faz-se largo emprêgo dos metodos da artilharia para a execução de tiros a grandes distancias, tiros mascarados, tiros indirectos, tiros por cima das tropas, etc..

No segundo levam-se as secções de metralhadoras à alturas das companhias do escalão de ataque ou se colocam as secções à disposição dessas companhias.

Os partidarios da centralisação argumentam:

- uma arma de alcance de 3000 ou mais metros não deve ser desperdiçada para atirar a menos de 1.200 mts.;

- é notável a ação moral das concentrações longinquas das metralhadoras, principalmente quando houver deficiência de artilharia.

Os partidarios da descentralização objétam, por sua vez:

- é perigoso estabelecer o divorcio entre o escalão de ataque e as metralhadoras;
- o tiro por cima das tropas e atravez de intervalos é difficil na guerra de movimento; exige habilidade, tubos novos e grande quantidade de munição; a observação é impossivel;
- a zona de segurança das metralhadoras é muito maior (600 a 1800 ms) do que a da artilharia; isso impede o aproveitamento immediato dos tiros por cima da tropa;
- nos terrenos dobrados e cobertos esses processos não tem applicação.

O método alemão de emprego das metralhadoras baseia-se:

- na audacia de sua utilização;
- na grande habilidade técnica dos quadros e da tropa;
- na flexibilidade dos quadros, a qual permite a estes adaptar-se a todas as situações e encontrar o processo conveniente.

Entre êles, a companhia de metralhadoras é considerada como o meio de ação por excelencia do comandante do batalhão no combate. O essencial para a Infantaria é conseguir a superioridade de fogo sobre o adversário desde os primeiros atos do combate. Por isso as metralhadoras deverão estar em condições de intervir com o maximo de rapidez e de potencia. Si for necessário levá-las para a frente: irão e as secções serão atribuidas às companhias do primeiro escalão. Se podem atuar centralizadas nas mãos do seu comandante

assim serão empregadas. Não ha esquema; tudo é caso de espécie. Contudo, ha tendencia para empenhar as secções isoladas, com missões fixadas pelo comandante do batalhão.

A proposito dos tiros longinquos ha muitas controvérsias, como em França.

A preocupação da mobilidade e da intervenção imediata das metralhadoras fez com que os Alemães do-tem os grupos de comando das companhias e das secções de metralhadoras com importante material de observações, de transmissões e de goniometria e tenham uma secção transportada (secção de acompanhamento).

A Belgica, a Romania, o Japão, os Estados Unidos e a Suecia tendem para a descentralização.

Ao nosso ver, as metralhadoras, armas de carater defensivo, devem, mesmo no ataque, ter missões com esse carater:

- manutenção da base de partida;
- manutenção dos objetivos conquistados;
- cobertura dos flancos do ataque;
- fechamento de intervalos (flango guarda de ligação);
- defesa anti-aérea, etc..

Fóra disso, elas serão uteis no desencadeiar do ataque, inundando durante alguns minutos as resistencias inimigas, como uma rapida preparação.

O advento das armas de tiro curvo e o seu aperfeiçoamento promissor indicam que elas substituirão com vantagens as metralhadoras nesse tiro de apoio e nos tiros longinquos.

Ganhar-se-á em efeito, em segurança, em facilidade de tiro, em economia.

Essa substituição está naturalmente indicada desde que as qualidades dos F. M. levam a dispensar as metralhadoras do mesmo calibre.

Para o futuro a arma de apoio ao escalão de ataque será o morteiro (de dois ou tres calibres).

### **Armas de tiro curvo**

Nada ha a dizer sobre o emprego dos lança-granadas, morteiro leve e morteiro médio.

São meios de ação por excelencia dos comandantes de pelotões, de companhia e de batalhão na sua manobra de fogos. Com êles fazem sentir sua vontade na manobra do escalão de ataque. Como regra, os morteiros do batalhão não são dados às companhias.

Os morteiros do regimento são dados em reforço aos batalhões.

### **Armas anti-aéreas e anti-engenhos blindados.**

Essas armas recebem missão do comandante do regimento. Contudo, por descentralisação, podem ser postas à disposição dos batalhões, principalmente as últimas.

Todos os escalões da Infantaria devem estar treinados na defesa anti-aérea e anti-engenhos blindados, empregando tanto os meios normais como os de fortuna.

## **V — CONCLUSÃO**

Passamos em revista as principais idéias que podem ter influencia sobre a revisão do nosso regulamento. Vimos que não ha uniformidade de processos, mesmo nos exércitos que fizeram a mesma experiencia da guerra. A comparação das correntes de opinião pôde proporcionar-nos sólida base para construir um corpo de doutrina adaptado às nossas circunstancias. Cremos que muitas das idéias aventadas não poderão ser oficialmente expostas e de chofre, por produzir sério desequilibrio, porem nunca é demais que os espiritos, principalmente dos chefes, se orientem a respeito das tendencias de emprego das armas nos exércitos adiantados, para poder decidir, em momento oportuno, sobre a evolução da nossa doutrina.

F I M